



COMÉRCIO MARÍTIMO ATENIENSE: *THALASSOCRACIA E MÉTIS*

Camila Alves Jourdan ¹

Resumo: Neste artigo buscamos relacionar a política iniciada por Temístocles, a *thalassocracia*, com a ampliação do comércio marítimo Ateniense. Além disto, analisamos a visão dos Atenienses sobre o Mar e a Navegação a partir da obra de Hesíodo “Trabalhos e Dias”, bem como as astúcias (*métis*) dos *nautai*.

Palavras-chave: Comércio – Mar – Navegação – *métis* - Hesíodo

Abstract: This article tries to relate the policy initiated by Themistocles with the expansion of Athenian maritime trade. Moreover, we analyze the views of the Athenians over the Sea and Navigation from the works of Hesiod "Works and Days" and the *métis* of *nautai*.

Keywords: Trade –Sea – Navigation – *métis* – Hesiod

Introdução

O presente artigo corresponde aos primeiros passos da pesquisa que desenvolvemos no Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade

¹ Aluna do curso de graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima. Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFF), membro e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA). *E-mail* para contato: camila_historia_uff@yahoo.com.br



(NEREIDA/UFF). Investigamos as práticas, os ritos e as técnicas dos *nautai* tanto na documentação textual quanto na imagética (cenas de navegadores na cerâmica ática de figuras negras e vermelhas). Para este artigo, trabalharemos com a documentação textual, mais especificamente passagens da obra de Hesíodo, *Trabalhos e Dias*.

A hipótese que defenderemos no presente artigo incide na concepção de que o comércio e a navegação, na *pólis* dos atenienses, foram fomentados pelos Pisistrátidas, no VI século a.C., e obteve amplo apoio da elite política no início do Vº século a.C. Inseridos nesta temática estão os *nautai*, a navegação e o mar. Assim, nosso objetivo neste trabalho é argumentar, fundamentados pela documentação textual e pela bibliografia de referência, que o comércio estava presente na *pólis* dos Atenienses e que seus “componentes” são de fundamental importância nas relações sociais *políades*.

A “viragem” para o mar empreendida pelos atenienses, a partir da política desenvolvida por Temístocles (século V a.C), possibilitou a intensificação do comércio do Mar Egeu. De igual maneira, tal transformação pra o mar gerou uma “viragem” em sua política, economia e cultura.

A política *thalassocrática*, seguida por seus desdobramentos – Imperialismo e Liga de Délos –, fomentou consideravelmente um domínio sobre o espaço marinho. Ampliando, cada vez mais, iniciativas concernentes aos “domínios de Poseidon”. Inserido nesta política iniciada por Temístocles, o comércio passou a ter maior pujança no Mar Egeu.

Contrariamente aos discursos da elite – pois esta afirmava a valorização da agricultura perante outras atividades –, concebemos que o navegador/comerciante não se via como um ‘inferior’ na sociedade. Na sociedade *políade* ateniense o comerciante



(εμπορός) desempenhava função relevante, mesmo que os discursos da elite expusessem o contrário.

A Οικονομία

Economia na Antiguidade?

Foi com esta questão que os diversos historiadores da antiguidade iniciaram suas pesquisas. Nós, assim como estes, iniciamos o presente trabalho questionando-nos acerca da possibilidade de vislumbrar (ou mesmo entrever) a esfera econômica de uma sociedade na antiguidade. (BRESSION, 2008:7)

São inúmeros os trabalhos e pesquisas empreendidos sobre este assunto, no qual há uma pluralidade de concepções e ideias formuladas. Desta forma, buscaremos delinear sumariamente a historiografia concernente a tal temática.

Com isto, é necessário ressaltar que há dois grupos que insuflam debates. De um lado, de acordo com Claude Mossé, estão os chamados “modernistas”¹. Estes comparavam o desenvolvimento econômico da antiguidade ao que ocorreu na Europa da Idade Moderna – o advento do capitalismo. Assim, tais historiadores chegaram a imprimir conceitos como “capitalismo” para se referirem à economia grega do século IV a.C., bem como acreditavam que as transformações políticas e sociais ocorridas entre o período arcaico e helenístico eram provenientes do campo econômico. “Segundo eles, a democracia ateniense teria se estabelecido quando o desenvolvimento da indústria e do comércio originou uma burguesia de industriais e comerciantes que tomou o poder da velha oligarquia ruralista” (MOSSÉ, 2004: 104).



De outro lado têm-se os chamados “primitivistas”². Estes, por sua vez, concebem que a “Grécia” antiga manteve-se em um estágio de desenvolvimento rural, isto é, apoiava-se largamente na agricultura, no domínio familiar e na autarquia. Desta forma, as trocas estariam inseridas apenas como medida para obtenção de recursos essenciais. Por isto, o comércio e o artesanato, por exemplo, teriam permanecido como atividades minoritárias na sociedade *políade*. Assim, há o predomínio da atividade ligada à terra sobre as outras desenvolvidas na *ásty*.

Para além dos embates travados entre estas duas vertentes historiográficas, novas teorias surgem. A partir do século XX, para se retirarem de um “binarismo historiográfico” que pressupõe quase que obrigatoriamente a sobreposição da agricultura sobre o comércio e vice-versa, tais teorias passam a minorizar as oposições existentes entre “a terra e o comércio”. Podemos apontar o pós-modernismo, a teoria dos sistemas-mundiais, o pós-colonialismo, o mediterraneanismo.

Concebemos que na *pólis* dos Atenenses do Vº século a.C. havia um sistema complementar entre a agricultura e comércio, compondo uma economia diversificada. Neste sentido, apontamos a existência de uma economia na antiguidade ateniense.

Segundo José Francisco de Moura

Os textos que nos chegaram do período Clássico em geral minimizam as atividades comerciais e artesanais. Isso acontece por não serem estas as atividades em que estavam envolvidos os seus elaboradores e por estes tentarem justificar seu direito exclusivo à condução dos negócios da *pólis*. (Moura, 2001: 29).



Por conseguinte, muitos estudos embasaram-se nos discursos da elite fundiária, compondo uma visão do seguimento aristocrático. Um representante deste pensamento aristocrático é Xenofonte. Na sua obra, *Oikonomikos*, o autor afirma que a centralidade da vida do indivíduo é a gerência da propriedade – a agricultura, os escravos, a mulher, a casa. Desta maneira, o artesanato, a mineração, o comércio e outras atividades não relacionadas ao campo foram menosprezadas pelo aristocrata ateniense.

No entanto, Tucídides na obra “Guerra do Peloponeso” demonstra que o fortalecimento da *pólis* dos Atenienses só foi possível por sua expansão e comércio marítimos.

Para ele, o império ateniense tinha grande poderio em virtude desse mesmo comércio e das taxas obtidas das ilhas (I, 19, 23, 89-93). O autor narra explicitamente que a riqueza ganha com a troca marítima era extremamente importante (I, 3, 7-8 (...))o poderio de Atenas vinha do fato dela, graças ao dinheiro, à democracia e aos bens, poder vencer suas eventuais crises agrícolas (I, 80-85; 141-142). (MOURA, 2001:22)

Ou seja, ao não depender exclusivamente da agricultura, o comércio poderia manter as riquezas da cidade.

Vislumbrando as diversas vertentes teóricas e historiográficas – superficialmente aqui apresentadas –, concebemos que havia uma economia na antiguidade, ainda que não comparada aos moldes que se desenvolveram na modernidade. Em tal economia se articulava a atividade agrícola com a comercial, formando uma economia diversificada.



Assim sendo, no presente artigo articulamos esta ideia aos estudos do comércio marítimo. Por fim, é necessário destacar que a economia estava imbricada por outros âmbitos da sociedade, tais como a política e a cultura. Daí, por diversas vezes, iremos tratar de questões políticas e culturais. Para Anthony Snodgrass, segundo Ciro Cardoso, “A história econômica e a teoria econômica não foram áreas de estudos para os antigos gregos” (CARDOSO, 1994: 175). Ainda que Cardoso afirme que seja possível (em alguns casos) vislumbrar a economia por ela mesma, sem submetê-la à política ou às mentalidades, acreditamos que só podemos entrever a economia na antiguidade ao não isolá-la em uma esfera *per se*. Desta maneira poderemos compor um cenário mais amplo, pois não restringiríamos “setores” da sociedade ateniense.

Contexto: Desenhando um cenário

Antes de nos inserirmos nas questões supracitadas, se faz necessário delinear os contornos do contexto histórico no qual se desenvolve nossa pesquisa. Com isto, nosso recorte temporal está calcado nos VI e V séculos a.C., enquanto que o recorte espacial centra-se na *pólis* dos Atenienses e no mar Egeu³.

Dado isto, é durante o governo de Sólon que se iniciam as medidas políticas que irão implicar diretamente na questão econômica do século V a.C. A relevância de Sólon para nossa pesquisa reside, principalmente, na questão censitária. A partir de pressupostos de posse de rendas houve a divisão da sociedade ateniense em ordens, implicando diretamente na participação política⁴ e no ideal de cidadão-guerreiro.



Tais medidas de Sólon foram pensadas para os dois grupos que se opunham na sociedade ateniense de seu período: de um lado os mais ricos, querendo maiores benesses; do outro os mais pobres, reivindicando melhores condições.

Com o governo de Clístenes há um recuo no poder das famílias aristocráticas, especialmente com a criação das dez tribos. A divisão da Ática em dez tribos é a base essencial para a instauração do regime democrático no século seguinte. Como nos expõe Paul Cartledge, Clístenes reorganizou a região da Ática de modo a acabar com a proeminência política das quatro famílias de sangue⁵, dessa forma o governante dirigiu seu olhar para toda a comunidade *políade*, para o *Dêmos*⁶.

Neste cenário encontra-se, nos primórdios do século V a.C, Temístocles e sua política *thalassocrática* e o empreendimento de um ‘*imperialismo*’. Com esta nova política, a *pólis* dos Atenienses adquirirá proeminência entre as *póleis* da Hélade, chegando ao ponto de impor seu poder no mar Egeu e a outras *póleis*.

O efetivo sucesso alcançado por Temístocles só foi possível pelo contexto das guerras Greco-Pérsicas. Os conflitos entre gregos e persas alavancou o poderio militar ateniense, uma vez que sob a égide desta *pólis* se formou a Liga de Délos – ou, como chamada a época, os Atenienses e seus aliados –, unindo as *póleis* contra o “inimigo” persa.

Nesta Liga, as cidades participantes deveriam contribuir com trirremes e “exército” e, caso não pudessem, deveriam colaborar com riquezas. Como a *pólis* dos atenienses (dentre todos os membros) era a que mais possuía recursos navais e militares, passou a liderar e tomar as decisões da Liga. Tanto que, durante o governo de Péricles, o Tesouro da Liga e a Assembleia decisória das ações da mesma são levados para a



pólis dos atenienses. Ou seja, o tesouro passa a ser usado pelos atenienses e as reuniões da assembleia da Liga ocorrerão na de Atenas (Ekleisia).

A democracia chega ao seu ‘ápice’ com o governo de Péricles. Como nos apresenta Mossé, Péricles “soube associar estreitamente o regime democrático ao império exercido por Atenas no Egeu. Ao desenvolver a frota ateniense e fazer do Pireu o porto mais importante do Mediterrâneo, proporcionou aos mais pobres dentre os cidadãos meios de viver decentemente.” (MOSSÉ, 2004: 229). Durante os muitos anos de governo de Péricles (quinze anos seguidamente eleito para a estratégia), a cidade foi embelezada pelas obras arquitetônicas – como é o caso da construção do Partenon em 447 –, as incursões militares ampliadas nas cidades da Liga que se revoltavam contra a *pólis* dos Atenienses, houveram as concessões de clerúquias aos atenienses

Atividades dos navegantes

A questão dos *erga* (trabalhos) é pertinente para a presente pesquisa, uma vez que se faz imprescindível destacar as concepções acerca do “esforço” (trabalho) e os valores empregados para a multiplicidade de atividades desenvolvidas na *pólis* dos Atenienses.

Embasando-nos na obra hesiódica *Trabalhos e Dias*, vislumbramos a atividade claramente evidenciada pela elite como a mais importante: a agricultura. De acordo com Hesíodo, era através do trabalho que o indivíduo seria capaz de alcançar muitas conquistas como a riqueza, um lugar de respeito, destaque na sociedade e até mesmo a própria dignidade.



No que se refere ao ócio é preciso destacar que este é visto à época de maneira ambígua. De um lado, o ócio de um indivíduo que não trabalhava era algo negativo, podendo ser agravado se este fosse um pobre. O indivíduo que não trabalhava não conseguiria prosperar, conseguir riqueza ou mesmo ser digno perante outros cidadãos.

Do outro, o ócio de um indivíduo rico – que dispunha de escravos para desempenhar as atividades mais árduas –, que poderia se dedicar à política, era bem-visto socialmente. Tudo isto se tornava essencial para vida do cidadão, já que tendo as prerrogativas acima indicadas, o cidadão estaria capacitado para exercer a política. Logo, da política participaria aqueles que seguem, a risca, o “calendário” de sua atividade.

Tais pressupostos eram difundidos pelo discurso de uma elite. Esta, por sua vez, era aristocrática, ou seja, suas riquezas e prestígio dependiam notoriamente da agricultura e da prática guerreira. Além disso, era forjada uma ancestralidade heróica. Sendo assim, podemos apontar que Hesíodo infere grande parte de sua obra apresentando, basicamente, duas ideias. A primeira se refere à figura do agricultor, que labuta dia após dia sobre a terra⁷, que desenvolve a retidão no trato com os deuses (adorando-os e rendendo culto), que empreende a justiça para com os seus⁸, que conduz impecavelmente as suas atividades diárias⁹, que amplia suas riquezas de maneira comedida e correta. A segunda remete-se os valores dos “trabalhos”, no qual o agricultor se sobreporia a um comerciante, um navegante ou um artesão. Assim, a agricultura seria o principal e fundamental *trabalho* desempenhado pelo homem.

Neste sentido, passaremos a configurar as ideias postuladas sobre a agricultura, o agricultor e a terra. Deste modo poderemos contrapor a figura do comércio e da navegação.



Dado isto, segundo Nick Fischer a terra consistia em um importante bem econômico que agregava valor e prestígio social, político e simbólico a um indivíduo. A terra era símbolo de riqueza e de poder para os atenienses. Tal afirmação pode se justificada pelos inúmeros conflitos que ocorreram na história dos atenienses, motivados por fatores como a questão de *posse* e a necessidade de expansão.

Torna-se evidente a importância da terra para os atenienses e, sobretudo, o fato da mesma servir como um ponto de delimitação ou mesmo de segregação entre os ricos possuidores e os pobres que desenvolviam trabalhos para estes.

Ao mesmo tempo em que a terra possuía grande relevância como símbolo de poder e de riqueza, a agricultura seria a atividade que tinha maior destaque. Por ser uma atividade que estava ligada diretamente à terra, era extremamente valorizada e apreciada.

Como nos expõe Fischer, em uma passagem escrita por Aristóteles, fica evidente a valorização da cidadania (do camponês-cidadão), bem como da hierarquização das atividades.

Entre as coisas louváveis, está não trabalhar em qualquer atividade vulgar, pois é condição do homem livre não viver para servir a outro. (Aristóteles *Apud* FISCHER, N.).

O comércio e a navegação eram, nos discursos elitistas, próprios de uma “categoria inferior”. Como afirma Hesíodo, a navegação era algo tido como muito arriscado, mesmo que dela possibilitasse fornecer riqueza. Somente aqueles que por algum motivo estivessem impossibilitados de trabalhar na sua própria terra é que



deveriam se voltar para as atividades da navegação e do comércio. É sobre estes comerciantes/ navegantes que iremos incidir uma análise.

Os *emporói* eram os indivíduos que tinham no comércio mercantil sua atividade e fonte de renda, como esclarece Claude Mossé. Eles permaneciam nas *emporía* e se dedicavam ao comércio marítimo. O Pireu era o principal porto do mar Mediterrâneo no período Clássico.

Dentre os trabalhadores deste tipo de atividade encontravam-se cidadãos atenienses e residentes estrangeiros (*metecos*) na *pólis*. Um *emporos* comumente pedia empréstimos para comprar mercadorias e sua passagem em uma embarcação de caráter mercante. Mossé destaca que os juros postos nos empréstimos marítimos eram elevados, dado as inúmeras dificuldades inerentes à navegação. Destarte, criava-se uma tríade que unia o credor, o mercador e o armador que transportaria a mercadoria. Em muitas situações ocorriam julgamentos por motivos de não-pagamento de dívidas (*dikai emporikai*).

Mercadores e armadores poderiam ser pessoas de condição modestas que se ligavam a cidadãos ricos através dos empréstimos marítimos. Desta maneira, o comércio marítimo dependia da conjugação de pobres – a maioria do grupo no entorno do comércio naval – e ricos – minoria que, em alguns casos, não associava seu nome diretamente a esta atividade, pois eram grandes proprietários de terras.

O mar, o imperialismo, o porto e a sagacidade



A partir de Temístocles, com sua política de *thalassocracia*, podemos vislumbrar um investimento marítimo de policiamento e domínio do mar Egeu. Para tanto, foi preciso construir uma grande frota naval.

Pela tradição literária, Temístocles teria sido estrategista em 493-492 a.C. e somente na década de 480 a.C é que obteve destaque no cenário político, momento em que destinou a prata das minas do Láurion para a construção da frota marítima. Heródoto aponta que Temístocles teve o intuito de construir a frota de navios para afastar os Egípcios, no entanto Mossé argumenta que o estrategista poderia estar prevendo que os persas ainda não tivessem desistido de seus intentos com relação a Hélade.

Com isto, em 483 a.C. o estrategista efetiva a construção da frota ateniense, formando uma marinha de guerra composta por *trirremes*. Tal frota desempenha um papel duplo, de um lado servia como transporte dos guerreiros para o campo de batalha, por outro era ela mesma uma ‘*arma*’ de guerra.

A *thalassocracia* possibilitou, de acordo com parte da historiografia, o aparecimento do fenômeno do ‘imperialismo ateniense’. Moses Finley (1985:102-103) argumenta que, pelas condições dos atenienses, não se desenvolveu um *imperialismo* econômico, mas de caráter político e militar. Neste mesmo sentido, Mossé amplia o debate e afirma que os tributos oriundos das *pólis* da Liga de Délos possuíam representatividade na renda anual da *pólis* dos Atenienses. Com isto,

Admite-se inclusive que o império era o corolário indispensável ao bom funcionamento da democracia, já que era ele que assegurava aos pobres, com o salário de remador da frota e com as distribuições de terras nas clerúquias, vantagens materiais



tangíveis que propiciavam o equilíbrio social da cidade, condição *sine qua non* para a sua ordem. (MOSSÉ, 2004: 175-176).

Assim, o crescente poder da *pólis* dos Atenienses na Liga de Délos coincide com o apogeu da Democracia nessa *pólis*. Quando da transferência do Tesouro e da Assembleia da Liga para a *pólis* dos Atenienses, houve a ampliação das obras públicas. Nosso enfoque recai sobre o porto, o Pireu (Πειραιάς)

Uma vez debatida as questões acerca do posicionamento historiográfico dos historiadores sobre a economia na antiguidade, buscamos relacionar a questão comercial com a navegação e as localidades em que esta se desenvolvia.

No período Arcaico, os atenienses percorreram o mar à procura de produtos que despossuíam em sua região, tais como grãos e metais. Estas trocas davam-se como outros produtos abundantes na Ática, como vasos, azeite, vinho.

No contexto de instauração de um imperialismo ateniense, o porto do Pireu torna-se central. Nesta localidade, como afirma Mossé, é para onde afluem comerciantes helenos e “bárbaros”. Todavia, a ampliação e “modernização” do porto ateniense não deve-se exclusivamente à hegemonia desta *pólis* sobre o mar Egeu. O desenvolvimento do comércio vincula-se a própria necessidade de produtos, uma vez que a cidade-Estado mantinha-se em clara expansão. Com isto, torna-se essencial para o pleno desenvolvimento da *pólis* a importação de produtos alimentícios¹⁰.

Desta maneira, o comércio era fundamental para a manutenção da cidade-Estado, principalmente os produtos advindos de regiões mais distantes. Assim, o comércio proveniente da navegação era constante no Pireu.



Como exposto anteriormente, majoritariamente eram os cidadãos atenienses mais pobres que enveredavam pelo comércio marítimo. Assim sendo, eles eram duplamente rejeitados pela elite ateniense: 1) Por sua condição sócio-econômica ser baixa¹¹; 2) Por desempenharem uma atividade hierarquicamente inferior¹².

Os dois últimos pontos remetem-nos a uma questão central: o mar. É neste ambiente que atuam os comerciantes marítimos. Este cenário possui um caráter paradoxal na visão dos atenienses. Por um lado os *nautai* possuíam coragem, poder, domínio e força sobre o mar quando iam à guerra, defendendo a *pólis*. Por outro, os navegantes eram vistos com certa desconfiança pela sociedade *políade*, já que estavam em contato direto com o “outro”, se relacionavam com diversas culturas, permaneciam em uma esfera repleta de ambiguidades (VIEIRA, 2005: 74).

A relação entre os atenienses e o mar foi paulatinamente construída. Foi preciso *aprender* a lidar com um meio inóspito e estranho ao “homem da terra”. Neste sentido, Hesíodo também nos apresenta um “manual” para atividades marinhas.

Hesíodo somente aponta o caminho da navegação ao irmão Perses por duas maneiras. A primeira se “o desejo da perigosa navegação te tome” (v. 618), uma vez que ele caracteriza o irmão como sendo um “grande louco” (v. 633) e um homem possuidor de um “espírito insensato” que volta-se para o comércio (v. 646). A segunda é caso o cidadão não possua terras (ou tenha perdido seus lotes de terras), esteja endividado e queira fugir da ‘servidão’, pode recorrer à prática do comércio/ navegação.

A partir do calendário organizado por Neyde Theml¹³, podemos afirmar os meses que eram tidos, para o Mediterrâneo, como propícios à navegação. Estes consistiam em cinquenta dias de navegação nos meses de agosto e setembro



(*Hekatombaión* e *Metageitnión*) e os meses de abril e maio (*Elaphebolión* e *Mounichión*).

Hesíodo aponta a navegação como algo perigoso, ainda que possibilite adquirir riquezas. Há, no pensamento helênico, uma ideia paradoxal sobre o mar e as atividades desenvolvidas neste espaço. Tem-se agregado ao meio marítimo o perigo constante e “leis” que possibilitam sua navegabilidade. Assim,

A imagem do mar, irregular, flexível, ora amigável, ora tenebroso carregava também um caráter negativo que poderia envolver o corpo social. A ambivalência do mar poderia contaminar os cidadãos. Este não seriam mais justos e retos e sim, ardilosos. Essa ideia acaba, inclusive, contaminando a vizinhança e os povos do mar. (VIEIRA, 2005: 75)

Para poderem superar estas dificuldades no mar, nada mais imprescindível do que o uso de habilidades. Assim, a *métis* é uma noção que está presente desde Homero e significa atividade prática, ardil, astúcia.

Tal noção abarca, segundo Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne, as “astúcias da inteligência”. A *métis* é composta de diversos significados que se complementam, já que, para além de uma astúcia da inteligência, ela também representa a prudência ardilosa e o pensamento rápido que prevê os desdobramentos das ações. Permanecendo nas “fendas” de atuação do cotidiano, a *métis* é um jogo de práticas intelectuais e sociais que se liga a *praticidade das coisas*, atuando no improviso refletido.



Esta noção está relacionada ao mito de Palas Athená, nos diversos domínios das potências assumidas por esta divindade. Centramo-nos na Athená com o epíteto de *Aíthyia*, que possui sua atuação no campo marítimo e que guia/conduz/orienta os navegadores. E é exatamente para estes *nautai* que a *métis* é de grande importância, já que o mar é o lugar das ambivalências e dos perigos, no qual as habilidades astutas e rápidas são fundamentais para sua sobrevivência em território inóspito (VIEIRA, 2005).

A documentação textual

Em nossa pesquisa utilizaremos o conceito de *representações sociais*. Tal conceito nos possibilita refletir acerca das diversas esferas componentes de uma sociedade, tais como a religiosa, política, social. A partir das *representações* podemos vislumbrar a dominação, compreensão e explicação de uma dada realidade.

As *representações sociais* se encontram circulando nos discursos, seja através de palavras ou de imagens pictóricas de grande circulação social, no qual se nota uma cristalização da conduta dos indivíduos e de sua organização material. Com esta noção buscamos entender um mundo repleto de significações que fazem parte do cotidiano, nos seus diversos elementos – como os valores, imagens, opiniões e crenças¹⁴.

Destarte, para a análise da documentação textual faremos uso da metodologia desenvolvida por François Frontisi-Ducroux, chamado de “grades de leitura”. O método pressupõe a isolamento de termos referentes ao objeto de estudo, no caso deste artigo serão *Mar e Navegação*. Pra cada ocorrência o contexto nos fornecerá, segundo a autora, duas tipologias de dados. O primeiro consiste no significado do termo, o seu emprego e os



sentidos utilizados; o segundo refere-se a valores que são associados ao termo e que comungam do mesmo âmbito de representações.

Embasando-nos por este quadro teórico e metodológico, analisamos a obra *Trabalhos e Dias*, produzida por Hesíodo. A obra compreende nas recomendações feitas por Hesíodo a seu irmão Perses sobre como proceder na agricultura, no comércio marítimo, como se portar justamente, como honrar os deuses, ser piedoso. Pode-se conceber esta obra como um a espécie de “manual” da agricultura e, em menor medida, da navegação. Através da construção das *grades de leitura*, apercebemo-nos que Hesíodo demarca o mar e a navegação de formas diversas.

No que diz respeito a navegação, destacamos duas passagens em que lhe são feitos atributos. No verso 618 há uma caracterização inicial da navegação, no qual o autor contrapõe as atribuições feitas anteriormente à agricultura, pois a navegação apresenta-se como perigosa¹⁵.

Em outra passagem a navegação é configurada como atividade que concede lucro. Assim, podemos apontar os 631-2 e 644¹⁶ como expoentes da ideia de Hesíodo de que o comércio proveniente da navegação pode trazer lucratividade, desde que se sigam as “regras da navegação”. Somente pode haver lucro a partir de produtos oriundos do comércio marítimo quando se observa a natureza, sabendo os momentos certos de ação.

Na obra *Trabalhos e Dias*, Hesíodo aborda a temática do mar em cinco momentos distintos, cada qual com caracterização própria. No verso 620¹⁷ o Mar é posto como sombrio (Ἡροειδέα). Nesta passagem a ideia centra-se no momento em que não é aconselhável navegar.



Entre os versos 663 e 670¹⁸, Hesíodo não configura o Mar como um “perigo imediato”, nem mesmo sua navegação como sendo difícil. Assim, o mar é propício à navegação, apresentando poucos riscos.

Em contrapartida, há momentos inoportunos para a navegação, momento no qual o mar e a natureza não são propícios. O Mar torna-se inóspito, Hesíodo argumenta que o comércio marítimo expõe riscos ao indivíduo e à carga comercializada. Vislumbramos estas ideias nos versos 673-677¹⁹.

No verso 687²⁰ Hesíodo é enfático ao afirmar que o mar propicia uma morte sem glórias e que a navegação não vale a vida do indivíduo. Com isto, morrer torna-se um risco constante àqueles que praticam esta atividade. Morrer desta forma não é algo “válido”, honroso ao homem.

Por fim, a caracterização do mar como algo instável está contido nos versos 689-691²¹. Ao navegador é imprescindível possuir cautela, pois o mar é algo inconstante, instável. Disto desprende-se a ideia de risco ao embarcar com as posses de um indivíduo, sejam elas provenientes do comércio ou os próprios bens.

Tendo isto sido exposto, concebemos que o mar e a navegação, temáticas abordados por Hesíodo, faziam parte do cotidiano dos Atenienses. E em torno delas foram forjadas representações distintas disseminadas durante o período clássico.

Conclusões

Nosso objetivo neste artigo foi compreender as práticas da navegação e do comércio, inseridas no sistema econômico da *pólis* dos atenienses (VI e V séculos a. C.). Analisamos algumas passagens do texto hesiódico, enfocando as representações



acerca do mar: espaço repleto de ambivalências, ora com atribuições positivas, ora com atribuições negativas. A navegação e o comércio tiveram, a partir de Temístocles, uma atenção considerável por parte das elites política e econômica da *pólis* dos atenienses.

Bibliografia

Documentação textual

Aristóteles. A Constituição de Atenas. [TRAD.] PIRES, Francisco Murari. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

HÉSIODE. Théogonie - Les Travaux et les Jours - Le Bouclier. Texte établi et traduit Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

Hesíodo. Trabalhos e Dias. [TRAD.] PINHEIRO, Ana Elias; FERREIRA, José Ribeiro. Lisboa: Imprensa Nacional –Casa da Moeda, 2005.

Xenofonte. Econômico. [TRAD.] PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Referências bibliográficas

BRESSON, A. *L'Économie de La Grèce des Cités I: Les Structures et La Production*. Paris: Armand Colin, 2008, p.7

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sete Olhares Sobre A Antiguidade*. Brasília: Editora UnB, 1994.

CARTLEDGE, Paul. (ORG.). *Grécia Antiga*. São Paulo: Ediouro, 2009.



DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métis: as astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008.

FINLEY, Moses I. *A política no mundo antigo*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1985.

FRONTISI-DUCROUX, F. *Dédale ou la Mythologie de l'Artisan*. Paris: François Maspero, 1975.

JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão” *IN: As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MORALES, Fábio Augusto. Resenha do livro *Unthinking the Greek Polis: Ancient Greek History Beyond Eurocentrism*. Disponível em 22 de novembro de 2010 em www.fflch.usp.br/dh/.../marenostrom/marenostrom-ano1-vol1-p-129-133.pdf.

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Péricles – O inventor da Democracia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

MOURA, José Francisco. *Os menosprezados da História. Algumas reflexões sobre o estatuto de agricultores, artesãos e comerciantes na Grécia Antiga. O caso de Esparta*. Disponível em 22 de novembro de 2010 em www.heladeweb.net/.../Jose_Francisco.htm

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. *Os Pescadores Atenienses: A Métis da Ambivalência na Atenas do Período Clássico*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2005.

_____. *Entre a ‘métis’ da pesca e a honra da caça*. *IN: PHOÏNIX – Laboratório de História Antiga / UFRJ. Ano XIV*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008



¹ Caso de autores como E. Meyer, Mikhail Rostovtzeff.

² Nesta vertente teórica podemos apontar J. Hasebroeck, K. Polanyi, Moses I. Finley.

³ Esta temporalidade se distingue da citada na introdução, pois cremos que para construir o contexto histórico é preciso recuar um pouco mais no tempo e ampliar o espaço demarcado. Realizada esta ressalva, reafirmo que nosso enfoque de estudo se dará no século V a.C na *pólis* dos Atenienses.

⁴ As ordens foram as seguintes: *pentacosiomédimnos* (os que possuíam mais de quinhentos medimnos), *hippeis* (possuidores de quatrocentos a quinhentos medimnos), *zeugitas* (aqueles que possuíam entre trezentos e duzentos medimnos) e os *thetes* (os que detinham abaixo de duzentos medimnos). Cf. Mossé: 2004.

⁵ As principais famílias residentes na *pólis* dos Atenienses. Estas que geriam grande parte dos assuntos políticos e administrativos da *pólis*.

⁶ Sob esse novo rótulo havia algo em torno de 140 *demes* espalhados pelos cerca de 2.600 quilômetros quadrados da Ática. (...) Na hierarquia decisória, os *demes* eram combinados em trinta unidades, divididas igualmente em três zonas geopolíticas: a Cidade, o Interior e o Litoral. Essas trinta unidades, por sua vez, distribuíam-se uma em cada zona para formar dez tribos (...) (CARTLEDGE, 2009: 229-230)

⁷ “Mas tu (...) trabalha (...) para que a Fome/ te odeie e para que te estime a venerável Deméter/ de formosa coroa e te encha de viveres a casa” (HESÍODO. VV. 298-301)

⁸ “Ama quem te ama e procura quem te procura./ dá a quem te dê e não dê a quem te não der./ Dá-se a quem é dadivoso, a quem o não é não se dá.” (HESÍODO. VV. 353-355)

⁹ “não te afaste o coração do trabalho a Luta que deseja o mal,/ para te quedares, fascinado, a escutar querelas na ágora” (HESÍODO. VV. 28-29)

¹⁰ É mister destacar que a geografia e o clima da Ática impossibilita a formação de grandes propriedades e, conseqüentemente, de uma agricultura capaz de suprir as necessidades da população. Deste modo, o ideal de autarquia disseminado pela elite não seria possível a *pólis* dos Atenienses.

¹¹ Salvo alguns comerciantes que adquiriam alto grau de riqueza. No entanto, sua condição no discurso da elite recaía no segundo ponto exposto.

¹² Quando comparada a de “primeiro nível”: a agricultura.

¹³ Calendário desenvolvido pela professora Neyde Theml a partir de leituras de textos literários da Antiguidade Grega.

¹⁵ Ναυτιλίας δυσπεμφέλου = “perigosa navegação” (v. 618)

¹⁶ Καί τότε νηα θοηγαλαδ’ ελκέμεν, εν δέ τε φόρτον/ αρμενον εντύνασθαι, ιν’ οικαδε κέρδος αρηαι = “Então arrasta a rápida nau para o mar e nela coloca/ A carga adequada, para que regresse a casa com lucro” (VV. 631-32)

Μεϊζων μέν φόρτος, μειζον δ’ επι κέρδει κέρδος = “Quanto maior ela [nau] for, maior o lucro sobre o lucro” (v. 644)

¹⁷ Ηεροειδέα πόντον = “mar sombrio” (v. 620)

¹⁸ Η ματα πεντήκοντα μετά τροπάς ηελίοιο (...) ώραιος πέλεται θνητοις πλόος (...) Τημος δ’ εϋκρινέες τ’ αϋραι και πόντος απήμων = “Cinqüenta dias depois do volver do sol (...) propícia se apresenta a navegação aos mortais (...) Nessa época são regulares as brisas e o mar sem perigo” (VV.663, 665; 670)

¹⁹ Σπεύειν δ’ δττι τάχιστα páλιν οικόνδε νέεσθαι / μηδέ μένειν οϊνόν τε νέον και οπωρινον ομηρον / και χειμων’ επιόντα Νότιού τε δεινας αήτας, / δς τ’ ωρινε θάλασαν ομαρτήσας Διος ομηρω/ πολλω οπωρινω, χαλεπον δέ τε πόντον εθηκεν. = “Apressa-te, porém, a regressar de novo a casa, rápido, / e não esperes o vinho novo e as chuvas de outono, / o inverno que chega e as terríveis rajadas de Noto, / que revolve as ondas e que, acompanhando a chuva de Zeus, / abundante no outono, torna funesto o alto mar.” (VV. 673-77)

²⁰ Δεινόν δ’ εστι θανείν μετά κύμασιν. = “E é horrível morrer entre as ondas.” (V. 687)

²¹ Μηδ’ εν νησιν απαντα βιον κοίλησι τίθεσθαι, αλλα πλέω λείπειν, / τα δε μείονα φορτίζεσθαι / δεινον γαρ πόντον μετα κύμασι πήματι κύρσαι = “Não ponhas nas côncavas naus todos os teus haveres, mas deixa a maior parte e embarca a pequena porção, pois é duro encontrar a ruína sobre as ondas do mar” (VV. 689-91)